

BRUCE HENDERSON

FILHOS

E

**A história real dos garotos judeus que
deixaram a Alemanha para se salvar
e voltaram para combater o nazismo**

SOLDADOS

Tradução

Claudio Carina

CRÍTICA

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
PREFÁCIO.....	15
PARTE I	27
1. SALVANDO AS CRIANÇAS	29
2. FUGINDO DOS NAZISTAS	67
3. UM LUGAR PARA CHAMAR DE LAR.....	103
PARTE II	133
4. CAMP RITCHIE	135
5. O RETORNO	170
6. NORMANDIA	191
7. A FUGA.....	228
8. HOLANDA.....	251

9. AS FLORESTAS	275
10. RETORNO À ALEMANHA	314
PARTE III.	351
11. OS CAMPOS.....	353
12. DESNAZIFICAÇÃO	375
13. VOLTANDO PARA CASA	390
PERSONAGENS.....	405
AGRADECIMENTOS	413
FONTES	415
APÊNDICE	425
BIBLIOGRAFIA.....	443
ÍNDICE REMISSIVO	455

CRÍTICA

INTRODUÇÃO

Quando assumiu o poder na Alemanha, em 1933, Hitler declarou guerra contra o meio milhão de cidadãos judeus que então viviam no país. Todos perderam seus direitos mais básicos. O judaísmo foi definido como raça, não como religião, e os judeus foram excluídos da cidadania alemã. Decretos restritivos instaurados pelos nazistas afetaram judeus de todas as idades e de todas as esferas da vida, e até mesmo crianças judias acabaram sendo expulsas das escolas públicas. Naquele momento, uma das duras realidades para os judeus alemães foi a percepção cada vez mais nítida de que nem eles nem os filhos deles teriam futuro no país. Esse temor culminou em novembro de 1938, com a *Kristallnacht*, ou “Noite dos Cristais”, quando casas, lojas e sinagogas judaicas foram saqueadas por nazistas. Centenas de judeus foram mortos e milhares foram presos e enviados para campos de concentração. Embora àquela altura dezenas de milhares de judeus alemães já tivessem emigrado para os Estados Unidos, foi a confirmação de que a Alemanha não era mais uma terra considerada segura para tal povo.

Partir, no entanto, significava deixar para trás país de origem, parentes, amigos e economias, e não havia nenhuma garantia de que conseguiriam passar pelas restritivas cotas de imigração dos Estados Unidos e de outros países, que dificultavam a imigração de judeus.

Por vezes era impossível para uma família inteira sair da Alemanha, e muitos se depararam com a angustiante decisão de se separar, talvez para sempre; pais descobriram que podiam enviar apenas um filho, e desde que menor de 16 anos, para um local seguro, graças aos esforços de organizações humanitárias nos Estados Unidos e na Inglaterra. Às vezes, ir ou ficar significava a diferença entre viver e morrer. Quando a Alemanha entrou em guerra contra os Estados Unidos, em 1941, a determinação dos nazistas de criar uma Alemanha ariana já deixara de ser uma política de emigração forçada para se transformar numa aniquilação em massa dos judeus que permaneciam no país e de milhões de outros que viviam em territórios ocupados pelos nazistas para resolver o que Hitler chamou de “questão judaica”.

Diversos pais decidiram mandar os filhos mais velhos para que levassem adiante o nome da família. Por toda a Alemanha, houve comoventes despedidas em estações ferroviárias e portos marítimos, onde mães e pais despediam-se dos filhos. Aqueles garotos judeus alemães que chegaram aos Estados Unidos nos anos 1930, sem pais nem irmãos, tiveram de se adaptar sozinhos à vida em uma terra nova. Alojados em casas de parentes distantes ou de famílias adotivas, eles se matricularam em escolas públicas e mergulharam num idioma, numa cultura e num mundo que desconheciam. Com a ajuda de professores dedicados e de novos amigos, no entanto, logo se tornaram americanizados, apesar de manterem o sotaque do país de origem.

De qualquer maneira, todos foram favorecidos pelos valores do Velho Mundo aprendidos com os pais, enfatizando educação e trabalho árduo. Quando os Estados Unidos entraram na guerra,

esses filhos amados que haviam sido enviados para a América por famílias desesperadas já eram jovens robustos que adoravam tudo o que dizia respeito à democracia e à liberdade americanas. Também estavam ansiosos para voltar à Europa com o Exército dos Estados Unidos para lutar contra Hitler – não apenas por conta do patriotismo em relação a seu novo país, mas também para concretizar as próprias vinganças pessoais. Ao contrário de muitas outras vítimas dos nazistas, os refugiados judeus alemães que se tornaram soldados dos Estados Unidos dispunham de meios para ajudar a destruir o regime que havia perseguido suas famílias.

Havia, contudo, um empecilho. Quando a Alemanha declarou guerra aos Estados Unidos, em dezembro de 1941, os cidadãos alemães residentes nos Estados Unidos foram automaticamente declarados “inimigos estrangeiros”. Mesmo após o Congresso aprovar legislação permitindo que inimigos estrangeiros ingressassem no Exército, alguns foram designados para bases norte-americanas nas quais eram vistos com desconfiança e, por causa do sotaque, ridicularizados por outros soldados.

Os planejadores da guerra no Pentágono logo perceberam que os judeus alemães já uniformizados conheciam bem a língua, a cultura e a psicologia do inimigo, além de terem grande motivação para derrotar Hitler. Em meados de 1942, o Exército começou a organizá-los numa força secreta e decisiva para ajudar a vencer a guerra na Europa. No decorrer dos três anos seguintes, 31 sessões de oito semanas foram conduzidas em Camp Ritchie, em Maryland, com árduo trabalho em salas de aula e em treinamento de campo. O maior grupo de graduados era formado por 1.985 judeus nascidos na Alemanha, treinados para interrogar prisioneiros de guerra alemães. Eles aceleraram seu processo de cidadania norte-americana, sendo enviados para a Europa para lutar contra os alemães junto com todas as unidades da linha de frente. Os garotos Ritchie, como passaram a ser conhecidos, não faziam ideia do que encontrariam quando voltassem para a Europa.

Muitos ainda não sabiam o que tinha acontecido com a própria família, que os havia enviado em segurança para os Estados Unidos.

Filhos e soldados acompanha a infância de um grupo de garotos Ritchie na Alemanha, sua fuga para os Estados Unidos e seu retorno à Europa como soldados norte-americanos para lutar numa guerra que, para eles, era intensamente pessoal. Eles saltaram de paraquedas com as forças aerotransportadas no Dia D, desembarcaram na praia de Omaha, percorreram a França ocupada com os tanques Patton e lutaram na Batalha das Ardenas, a última e desesperada aposta de Hitler para vencer a guerra. Depois, seguiram para a Alemanha com os exércitos aliados e se juntaram às tropas que entraram nos campos de concentração nazistas, onde viram com os próprios olhos os horrores do Holocausto. Quando o conflito finalmente terminou, chegou o momento de esses filhos saírem em busca das famílias deixadas para trás.

Até hoje as façanhas e a importância estratégica dos garotos Ritchie são pouco conhecidas. Eles participaram de todas as grandes batalhas e campanhas da guerra na Europa, coletando informações táticas valiosas sobre forças inimigas, movimentos de tropas e posições defensivas, assim como o moral do adversário. No decorrer da guerra, dezenas de milhares de soldados do Terceiro Reich recém-capturados foram interrogados por equipes formadas por esses soldados judeus alemães. Um relatório pós-guerra confidencial do Exército constatou que quase 60% da inteligência de confiança reunida na Europa era dos garotos Ritchie. Mesmo assim, não houve divulgação de suas operações nem uma relação completa desses homens. Como membros da inteligência militar, todos foram alertados a não revelar onde serviram nem seus treinamentos ou deveres durante o conflito; depois da guerra, restrições similares foram aplicadas a quaisquer documentos, relatórios ou notas que pudessem ter conservado. Eles não convocaram reuniões e evitaram se filiar a organizações de veteranos, pois o sotaque alemão os tornaria malvistas em meio a veteranos norte-americanos.

A trajetória desses soldados é uma das últimas grandes sagas não contadas da Segunda Guerra Mundial.

Sinto-me honrado em narrar a verdadeira história desses heróis pouco conhecidos.

Bruce Henderson

Menlo Park, Califórnia

CRÍTICA

CRÍTICA

PREFÁCIO

Alemanha, 1938

No dia 10 de novembro de 1938, pouco depois do nascer do sol, Martin Selling foi despertado de um sono profundo por fortes batidas na porta.

Martin morava em Lehrberg, no sudeste da Alemanha; ele e sua família eram os únicos judeus vivendo em meio aos mil outros moradores daquele tranquilo vilarejo agrícola. No dia anterior, os nazistas haviam realizado uma série de ataques brutais contra judeus por toda a Alemanha. Só que Martin ainda não sabia disso.

Essa ampla campanha de difamação passaria a ser conhecida como *Kristallnacht*, “Noite dos Cristais”, devido aos montes de cacos de vidro de janelas quebradas acumulados nas ruas quando milhares de sinagogas, casas, lojas e hospitais de propriedade de judeus foram saqueados e destruídos. A violência começou quando um adolescente matou a tiros um funcionário da embaixada alemã em Paris – um ato de retaliação, pois seus pais tinham sido expulsos da Alemanha com milhares de outros imigrantes judeus poloneses. Usando o atentado em Paris como pretexto para a prisão de judeus, planejada havia muito tempo, as tropas nazistas foram às ruas na noite de 9 de novembro, assassinaram centenas de judeus e prenderam outros 30 mil.

Com 20 anos de idade, Martin havia voltado recentemente de Munique para Lehrberg, seu lar de infância, onde trabalhava como alfaiate. Munique foi a cidade em que Hitler ascendeu ao poder e que serviu de quartel-general nacional do Partido Nazista. Martin já tinha visto Hitler diversas vezes; quando seus comboios de automóveis passavam pelas ruas em alta velocidade, esperava-se que todos os pedestres ficassem em posição de sentido e erguessem o braço direito numa saudação de “*Heil Hitler*”. Quando ouvia o cortejo do Führer se aproximando, ou mesmo ao ver grupos de manifestantes exibindo bandeiras nazistas, Martin tentava chamar o mínimo de atenção possível, afastando-se com discrição ou entrando em algum beco lateral.

Naquele ano, Hitler tinha notado que seu comboio costumava passar por uma grande sinagoga no trajeto até a sede do partido. Sob ordens do Führer, a congregação teve menos de um dia para retirar livros e objetos de valor; alguns dias depois, o local se tornou um estacionamento recém-pavimentado. O chefe de Martin, um judeu mais velho, chegou ao limite. Fugiu para a Itália, deixando Martin sem emprego e sem escolha, a não ser voltar para sua casa em Lehrberg.

As batidas na porta da frente não pararam, tornando-se mais fortes e ameaçadoras. Quando Martin atendeu, a porta estava prestes a ser arrombada. Ao abrir, deparou-se com quatro soldados da Sturmabteilung (SA), vestidos com camisas marrons e braçadeiras vermelhas e pretas exibindo a suástica; eles o empurraram para o lado e entraram rapidamente, ainda que, com 1,87 m de altura, Martin fosse bem mais alto.

Sem dar nenhuma explicação, os homens da SA vasculharam a casa – apropriando-se de uma câmera de valor – e levaram Martin sob custódia junto com seu tio, Julius Laub, que administrava a loja de têxteis da família desde a morte da irmã, Ida – mãe viúva de Martin –, dois anos antes. Ida assumiu a administração da loja depois que o pai de Martin morreu de ataque cardíaco, quinze anos antes. Os homens da SA também prenderam a empregada, única outra moradora da casa. Ao mesmo tempo, outros deles capturaram a tia de Martin, Gitta, que morava ali perto com os três filhos.

Todos foram conduzidos por 8 km a uma arena esportiva ao ar livre na cidade de Ansbach, onde se juntaram a sessenta homens, mulheres e crianças judias. Aterrorizado, o grupo se amontoou nas arquibancadas durante o resto da noite gélida, tremendo de medo e por causa do vento forte. Conversando em voz baixa, Martin ficou sabendo que a sinagoga de Ansbach fora incendiada, que casas de judeus locais tinham sido vandalizadas e que os moradores foram espancados. Quando Martin e alguns outros perguntaram aos homens da SA o que aconteceria a seguir, eles não demonstraram saber. Tinham apenas recebido ordens de prender todos os judeus locais.

No dia seguinte, mais ou menos às 3 horas da tarde, mulheres, crianças e homens com mais de 55 anos foram soltos sem nenhuma explicação. Martin, seu tio e cerca de quinze outros homens continuaram sob custódia. Foram conduzidos à prisão local, um edifício velho e rudimentar, e trancados juntos numa cela. Não havia água corrente nem banheiro – apenas um balde de metal –, e a comida era tosca e escassa. Após dois dias nesse espaço apertado, todos foram enviados para Nuremberg, a 45 km de distância.

A prisão distrital de Nuremberg estava quase lotada. Centenas de alemães do Sudeto, alemães étnicos da Tchecoslováquia, também tinham sido presos por resistir à anexação da região, onde 3 milhões de judeus viviam até dois meses antes. Os judeus locais reunidos durante a *Kristallnacht* – cerca de cem eram de Nuremberg – ficaram presos na academia da prisão, que fora adaptada apenas com colchões no chão. O grupo de Martin se juntou a eles.

A maioria dos guardas era formada por homens mais velhos, acostumados a lidar com criminosos empedernidos, não com prisioneiros políticos, e parecia sobrecarregada pelo excesso de detentos. Os guardas não fizeram nada mais que o dever, o que resultou em boa parte dos prisioneiros ter sido deixada a sós. Um grupo de detentos comprou comida na cozinha para distribuir entre os outros, e todos puderam tomar banho no banheiro comunitário, equipado com uma fileira de vários chuveiros. Os prisioneiros saíam da academia em pequenos grupos durante uma hora por dia e só podiam andar pelo pátio da prisão quando os prisioneiros arianos se recolhessem.

Passada uma semana, alguns prisioneiros judeus foram soltos, e o tio de Martin estava entre eles. As decisões a respeito de quem saía e quem ficava eram um mistério total para Martin e para todos os outros. Apesar de alguns guardas dizerem ter recebido ordens da Gestapo local para libertá-los, ninguém da temida polícia secreta apareceu na prisão, e nenhum prisioneiro foi interrogado. No dia 22 de dezembro – seis semanas depois da prisão de Martin –, nove membros do grupo original continuavam presos. Naquele dia, os guardas passaram pelo corredor e anunciaram que todos seriam transportados para o campo de concentração de Dachau.

Martin, então sozinho numa cela, sentiu como se tivesse tomado um chute no estômago. Sabia da existência de Dachau, assim como a maioria dos alemães sabia, mas o assunto só era mencionado por meio de murmúrios agourentos. Inaugurado em março de 1933 numa velha fábrica de munições da Primeira Guerra Mundial perto de Munique, Dachau foi o primeiro campo de concentração estabelecido pelos nazistas ao chegarem ao poder. O chefe da Schutzstaffel (SS), Heinrich Himmler, anunciou nos jornais que Dachau seria usado para encarcerar os que “ameaçam a segurança do Estado”. Durante o primeiro ano, o campo manteve quase 5 mil prisioneiros, principalmente comunistas alemães, social-democratas, membros de sindicatos e outros oponentes políticos dos nazistas.

Martin, por sua vez, tinha um histórico muito pessoal com Dachau. Em abril de 1933, seu primo, um advogado de Munique, foi preso e enviado para lá. Ele morreu em Dachau três meses depois. Com base nas histórias sinistras que ouvira, Martin considerou a própria mudança uma sentença de morte.

As fechaduras das celas dos prisioneiros que iriam para Dachau foram destrancadas, e as portas foram abertas pelos guardas. Com pressa para escrever uma nota de despedida para seu irmão gêmeo, Leopold, que vivia com uma tia em outra parte da Alemanha, e para seu tio Julius, Martin rabiscou num pedaço de papel. Quando saiu pelo corredor e passou pela cela de um prisioneiro de quem tinha ficado amigo, passou o bilhete dobrado por entre as barras.

Na estação ferroviária de Nuremberg, Martin e os outros oito homens levados de Ansbach foram colocados em um moderno vagão de passageiros, onde permaneceram sob vigília durante a viagem de 160 km até o depósito de Dachau. Na chegada, só seu vagão foi desviado para um trilho lateral. A primeira coisa que Martin viu foram tropas da SS, de uniforme preto, suástica vermelha e fuzis com baionetas, cercando-os por todos os lados.

A SS tirou os prisioneiros do trem e os conduziu pela plataforma, passando por alguns prédios administrativos, pelos alojamentos dos guardas e por um estande de tiro ao ar livre em que praticavam pontaria. Martin logo ficaria sabendo que o estande também servia como local de execução. Um pesado portão de ferro foi aberto, dando para o complexo cercado dos prisioneiros. Acima do portão havia uma placa de metal com a frase *ARBEIT MACHT FREI*, ou “o trabalho liberta”.

O complexo retangular – com cerca de 270 m por 550 m – era cercado de arame farpado eletrificado por todos os lados. Altas torres de vigília se erguiam em pontos estratégicos. Dentro, havia uma enfermaria, uma lavanderia, oficinas em que os prisioneiros produziam de pães a móveis e um pátio principal para inspeções e outras convocações.

Os prisioneiros viviam em dez alojamentos de um andar feitos de tijolos e concreto; cada um foi construído para abrigar 270 prisioneiros e era subdividido em cinco cômodos projetados para manter 54 homens cada. Em cada cômodo, os homens eram chamados de pelotões, de acordo com o estilo militar. Cada cômodo continha beliches de madeira fina com colchões de palha e um lavabo anexo com algumas pias e privadas.

Quando Martin e seu grupo chegaram, os guardas os empurraram para uma grande sala e os fizeram tirar toda a roupa. Depois de terem a cabeça totalmente raspada, tomaram uma ducha fria e foram conduzidos a outra sala, na qual um médico do campo fez um breve exame. Em seguida, receberam uniformes leves com listras azuis e brancas. Alguns dos homens tinham levado pequenas malas que puderam pegar em casa quando foram presos. Agora eles tinham

de abandonar as bagagens, e os únicos itens pessoais que puderam manter foram os artigos de higiene pessoal que conseguiam carregar soltos nas mãos.

Na prisão de Nuremberg, Martin fez amizade com um homem chamado Ernst Dingfelder, que era muito religioso. Ernst cochichou para Martin que queria manter seu *tallit*, o xale de oração judaico. Martin não acreditou; achou uma loucura tentar entrar com um xale de oração judeu em um campo de concentração nazista. Discutiu com Ernst, dizendo que, se encontrassem o xale, provavelmente os guardas o enrolariam nele antes de fuzilá-lo. Por fim, Martin o convenceu a deixar o xale para trás.

Todos os uniformes dos prisioneiros de Dachau tinham um número no lado direito do peito. O de Martin era 31.889. Logo percebeu que, de acordo com o sistema de numeração em Dachau, ele era o 31.889º preso desde que o campo fora aberto. O que não sabia era que também estava entre os mais de 10 mil judeus que chegaram ao campo de concentração nas semanas seguintes à *Kristallnacht*.

Era meia-noite quando o grupo de Martin chegou ao bloco 8, quarto 4. Eram duzentos prisioneiros amontoados no mesmo espaço, sem aquecimento, quatro vezes mais que aquilo que o recinto fora projetado para abrigar. Para aumentar o espaço, os beliches embutidos foram substituídos por duas fileiras de prateleiras de madeira de 1,8 m de largura, uma ao nível do chão e outra a 1,2 m de altura. Uma camada fina de palha infestada de pulgas e piolhos recobria as prateleiras. Sem espaço para se mexer, os homens dormiam lado a lado, com a cabeça apoiada na parede. Apesar da temperatura enregelante, muitos passaram a noite descobertos, pois não havia cobertores para todos.

Exausto por ter dormido pouco, Martin saiu da cama às 5 horas da manhã seguinte para uma primeira inspeção. Quando terminou, ele e os outros foram levados de volta para o alojamento, onde serviram uma espécie de café aguado e um mingau cheio de insetos. Dachau era um campo de trabalhos forçados, e, com a chegada de tantos prisioneiros ao mesmo tempo, os oficiais encarregados ainda não tinham conseguido designar funções para todos. Os trabalhos

consistiam em escavar poços no cascalho, consertar estradas e drenar pântanos, sempre sob o olhar atento dos guardas. Martin e o resto de seu grupo passaram o dia andando pelo pátio principal, esfregando as mãos e batendo os pés para não congelarem.

Naquela noite, o jantar foi um ensopado que lembrava ração para porcos. A carne parecia consistir de tripas e miúdos não identificados. A cada três dias, os homens recebiam um pequeno pão para dividir entre duas pessoas; infelizmente, aquele não era dia de pão. Ernst, amigo de Martin, refugou ao ver a refeição não *kosher** e se recusou a tocar no misterioso ensopado. Desde então, Martin tentou ajudá-lo a se manter *kosher* trocando seu pão pelo ensopado de Ernst. Apesar das indignidades e das privações do campo de concentração nazista, Martin continuou determinado a perseverar, mantendo-se fiel a seus princípios e seus compromissos. Ajudar um amigo necessitado era um deles.

Martin logo percebeu que os prisioneiros que estavam em Dachau havia mais tempo – meses ou até mesmo anos antes de ele chegar – tinham a mente embotada e o físico debilitado pelo trabalho árduo e o tratamento brutal que recebiam dos guardas. Espancamentos eram algo comum, e muitos prisioneiros apresentavam feridas e hematomas crônicos. Outros tinham febre e doenças. A maioria tinha medo de procurar tratamento na enfermaria; além de os cuidados médicos serem deploráveis, qualquer um que afirmasse estar doente era acusado de fingir e ficava sujeito a punição – em geral, um confinamento solitário por longos períodos ou 25 chibatadas nas costas com um chicote cortante. E a lista de contravenções pelas quais os prisioneiros recebiam castigos brutais em Dachau era longa. Tentativas de fuga significavam morte, alertava um aviso exibido no pátio, assim como “sabotagem, motim ou agitação”. Qualquer homem que atacasse um guarda, “se recusasse a obedecer” ou não aceitasse cumprir a tarefa a ele designada seria “fuzilado no ato como amotinado ou enforcado depois”.

Os prisioneiros temiam especialmente as inspeções das tardes de sábado. Começavam com cada homem tendo a cabeça raspada. O quarto número 4 tinha duas máquinas de cortar cabelo para duzentos

* Refeição *kosher* (ou *kasher*) refere-se aos alimentos permitidos segundo as leis do judaísmo. (N. E.)

homens. Por causa das lâminas cegas, as máquinas arrancavam tufo de cabelo. As tigelas de alumínio para as refeições eram inspecionadas. Tinham que estar imaculadas, apesar de não haver sabão e os homens serem proibidos de esfregar as tigelas com qualquer material abrasivo. Eram espancados quando os guardas encontravam manchas de comida ou arranhões nas tigelas.

Numa dessas inspeções, Martin não foi aprovado; então, teve que permanecer em posição de sentido, imóvel, enquanto um guarda batia em seu rosto repetidamente com luvas de couro. Ele já tinha visto outros sendo punidos de forma semelhante. Quanto mais refugavam, mais tempo durava a agressão. Com incrível determinação de não mostrar medo, Martin manteve os reflexos sob controle e não recuou perante os golpes. O guarda desistiu e se afastou. Foi um teste de força que Martin não esqueceu.

A crueldade da SS superava qualquer coisa que Martin pudesse imaginar. Suspeitava que o trabalho de guarda em Dachau não fosse escolha, que muitos tinham sido alocados ali para ser treinados em brutalidades empregadas em outros campos e territórios recém-conquistados. A hierarquia em Dachau era caracterizada pela violência: os soldados mais jovens eram sujeitos a um tratamento tão duro por parte de seus líderes que descarregavam a raiva acumulada nos presos. O processo lembrava a Martin o treinamento de cães de ataque.

Uma tarde, durante a inspeção, o comandante do campo anunciou que um prisioneiro tinha fugido. Como castigo, todos os presos deveriam permanecer em posição de sentido no pátio central até que o fugitivo fosse capturado e retornasse. As longas horas da noite se arrastaram, fazia um frio de rachar sob a luz intensa dos holofotes. Quando o turno da guarda mudou, os homens parados na área de reuniões ouviram os cliques de manutenção das metralhadoras nas torres – as armas carregadas estavam sendo verificadas.

Martin estava no fim de uma das filas de prisioneiros. Depois da meia-noite, exausto e quase congelado, ele começou a adormecer em pé. Deve ter oscilado um pouco, embora ainda estivesse de pé quando a coronha de um fuzil o atingiu com força no meio das costas. Teve de se esforçar para manter o equilíbrio e não cair.

Pela manhã, a área de reuniões estava cheia de homens que haviam desabado durante a noite – pelo que Martin viu, estavam todos mortos. Os outros prisioneiros foram liberados brevemente para receber comida e água e depois voltaram ao pátio. Os corpos já tinham sido removidos.

Todos ficaram em posição de sentido até as 4 horas daquela tarde, quando o fugitivo foi levado de volta ao campo. Transportado rapidamente para outro lugar, nunca mais foi visto.

Martin sabia que a morte do homem não fora fácil. Uma técnica de tortura popular em Dachau tinha origem na Inquisição medieval: a vítima era colocada embaixo de uma estrutura semelhante a um cadafalso, com as mãos amarradas às costas, e içada por cordas amarradas aos pulsos. Conforme balançava, pesos eram pendurados na vítima para aumentar ainda mais a intensa dor nos braços e nos ombros. Martin sabia de homens que tinham passado até uma hora pendurados dessa forma como punição por alguma infração real ou imaginária. A maioria acabava com ossos e articulações quebrados ou deslocados; alguns ficavam aleijados.

Apesar do horror das consequências, continuava havendo tentativas de fuga por parte de homens desesperados, mas raramente resultavam em liberdade. Alguns presos escolhiam outro tipo de fuga. Às vezes um homem corria na direção da cerca, atraindo uma saraiada de balas das torres de vigilância. Se conseguisse chegar à cerca, jogava-se contra o arame para ser eletrocutado. Os guardas da SS costumavam dar o tiro de misericórdia, mas não sempre. Houve um prisioneiro que, atingido antes de alcançar a cerca, foi deixado no chão, agonizando. Seus gritos duraram a noite inteira.

Quando era assim, com gemidos e gritos pairando no ar e o frio constante consumindo seu corpo, Martin passava mais tempo pensando que dormindo.

A grande pergunta era sempre a mesma: por quê? Como leitor ávido interessado em história – quis entrar na faculdade, mas quando completou 16 anos, em 1934, já tinha recebido toda a escolaridade a que um judeu tinha direito na Alemanha –, Martin sabia sobre a Europa medieval e a Inquisição. Que diferença havia entre o sofrimento

de homens quatro séculos antes – *ad majorem Dei Gloriam* (para a glória de Deus) – e o que os nazistas faziam então? Sofrimento era sofrimento. E, se existia mesmo somente um Deus, de quem seria Ele?

Alguns presos em Dachau, como Ernst Dingfelder, eram religiosos devotos ao chegar. Outros se tornaram mais religiosos conforme a estadia se prolongou. E também havia aqueles que não conseguiam mais acreditar em Deus – em *nenhum* Deus – devido ao que estava acontecendo. Martin se identificava com esse grupo. Decidiu observar e participar das tradições e das cerimônias com que havia crescido pela vontade de assumir sua herança judaica. Ao mesmo tempo, sabia que, pelo resto da vida, aquilo seria apenas formalidade. Os horrores de Dachau destruíram sua crença em Deus.

Os prisioneiros tinham permissão para escrever uma carta por semana, mas pouco conseguiam dizer, pois os censores nazistas liam toda a correspondência. Martin não podia descrever os efeitos da dieta de inanição nem falar do quanto havia perdido de peso ou das dolorosas feridas abertas no pé por causa do frio, que tornavam qualquer caminhada um tormento. Se os detentos não dissessem que estava tudo bem, as cartas não eram enviadas. Como essa correspondência era a única maneira que a família tinha de saber que ainda estava vivo, Martin escrevia diligentemente toda semana. Embaixo do nome do remetente, constava “campo de concentração Dachau”. O endereço para resposta incluía as palavras *Schutzhaft-Jude*, ou “judeu em prisão preventiva”.

No dia 1º de janeiro de 1939, Martin completou 21 anos. Como passou a ser maior de idade, tio Julius deixou de ser seu guardião e administrador da casa que a mãe de Martin deixara para o filho. Nunca soube como os oficiais do campo descobriram esses fatos, mas, pouco depois de seu aniversário, Martin foi chamado a um escritório administrativo e recebeu um documento com a maior parte do conteúdo oculta. Foi instruído a não tentar ler o papel, apenas assiná-lo.

“*Was ist das?*”, Martin atreveu-se a perguntar o que era aquilo.

“*Sie haben drei Sekunden.*” Martin tinha três segundos para assinar. “*Sonst...*” “Senão...”

Martin assinou, e o papel foi levado. Só então ele foi informado de que tinha assinado uma procuração permitindo que a casa da mãe fosse vendida.

Naquele momento, Martin Selling soube que nunca mais voltaria para lá.

CRÍTICA